



UMA

VIRGEM

EM APUROS

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL

GISA S R





UMA
VIRGEM
EM APUROS

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL

GISA S R

UMA

VIRGEM
EM APUROS

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL

GISA S R

Copyright © 2020 Gisa S. R.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: L. A. Creative

Revisão: Bárbara Pinheiro

Diagramação Digital: Jack A. F.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

1º Edição

Dezembro de 2020

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



[Sobre esta obra](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos:](#)

[Mais livros da Antologia](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Siga-a nas redes sociais:](#)

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Sobre esta obra

Este foi um conto bem delicioso de escrever, algo rápido, leve e divertido, com personagens que me conquistaram. Essa ideia nasceu com a autora Jack A F, em cima da hora de fazer um conto de Natal.

Então pensei, vamos lançar uma antologia, com contos curtos e divertidos. Embarcamos nessa e assim nasceu a Antologia Presente de Natal, ganhando também a autora Crys Carvalho para o nosso time. Tendo agora três contos lindos compondo nossa antologia.

Não poderia ter sido mais gratificante, tanto escrever este romance, quanto nossa parceria, e espero muito que gostem dos nossos personagens, tanto quanto amei escrevê-los.

Ah, e desde já, lhes convido a conhecer o conto Um Criminoso de Natal, da Jack A F e Um Amor do Passado, da Crys Carvalho. Ambos são contos deliciosos e de encher o coração.

Um beijo grande da Gisa SR.

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Sinopse

Lucy é uma romântica incurável, que por muito tempo acreditou que encontraria, mais cedo ou mais tarde, o seu príncipe. Mas o tal encantado não apareceu e, para ela, sua saída é ir à luta, deixar de lado essa bobagem de romance e casamento e, enfim, perder sua virgindade. Para isso, surge a ideia de contratar um garoto de programa, como presente de Natal. Uma ideia maluca ou não...

Maxwell é um advogado boa-pinta, focado no trabalho, sem tempo para bobagens de amor. A única pessoa capaz de tomar o seu tempo é Luciana, sua melhor amiga desde a faculdade. Quando ouve dela a ideia estapafúrdia de contratar um garoto de programa, afinal, príncipes encantados não existem, algo muda em seu coração e ele se dá conta de que talvez, só talvez, o que era apenas amizade não é mais suficiente para si.

Agora, ele quer fazer do Natal, algo diferente para ela, resta saber o que Lucy achará disso!

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Prólogo

Eu vou te contar uma história. Talvez não seja tão legal quanto você espera, mas acredite, é a minha história e quando tudo começou, eu também achei que era uma grande loucura. Mas é como dizem, eu não preciso de ninguém para fazer merda comigo, eu sozinha já faço um estrago.

E anotem isso, porque é a frase que me define.

Veja, sou alguém com uma grande família, pai, mãe, irmãos... quatro, para ser exata. Uma família superestruturada, certinha, cristã... isso, cristã. E exatamente por vir de uma família cristã, é que eu segurei a periquita, mantive o lacre. Isso mesmo, sou virgem.

Foi aquela coisa de: espere o cara certo, você vai encontrá-lo, vai se casar... e será como as princesas da Disney, feliz para sempre ao lado do seu príncipe encantado. Balela.

Pois aqui estou eu, vinte e sete anos e virgem, meu lacre já deve estar até petrificado. E tudo porque o cara, aquele perfeito, não apareceu. O príncipe, o tal encantado, esse deve ter caído do cavalo e quebrado o pescoço no caminho para cá, pois também não veio. E as princesas? A Disney que vá para o inferno.

Aonde quero chegar? Simples, eu cansei de esperar.

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Capítulo 1

Lucy

— Max, o que estou dizendo é que, a franquia nova de Star Trek é a minha favorita. Só isso, você pode não concordar, claro que pode, ainda assim, não vai mudar minha opinião, sigo à espera do quarto filme — falo, com tranquilidade, tomando um gole do meu café, que, por sinal, está uma delícia.

— Sua opinião é fajuta, Lucy, diz isso por conta dos atores, admita.

— Ué, não nego que se o Chris Pine batesse em minha porta, eu abriria fácil as minhas pernas *pra* ele e ainda gritaria: me rasga.

Ele tenta, mas está longe de segurar um pequeno riso que desponta em seus lábios.

— Agora sei o porquê só tenho você de amiga, mulheres... E para uma virgem, está bem saidinha.

— Primeiro, você só tem a mim de amiga porque ninguém mais te suportaria. Todas as mulheres que conhece, você leva *pra* cama e, em seguida, elas começam a te odiar, porque descobrem que você não presta. Sabe por que tem a mim como amiga? Porque nunca transamos. Segundo, sou virgem, não estou morta. Sei reconhecer um homem bonito quando vejo um.

— Puritana fajuta.

— Prostituto.

Rimos os dois. E não, ele não é prostituto, é só o meu melhor amigo

desde a faculdade. Nós nos completamos na amizade. Ele me faz rir e eu coloco um pouco de juízo nessa cabeça de vento que ele tem.

— Sabia que a essa altura já deveria estar casado, não é? O que seu pai sempre diz?

— Não começa — nega, enquanto enfio meu garfo na torta em seu prato e roubo um bom pedaço da sua torta de morango.

Amo morangos, mas também adoro chocolate, sorte a minha, poder lhe roubar comida, sempre.

— Um advogado respeitável tem que ter uma família, se aquietar. — Até engrosso a voz para imitar o arcaico do seu pai. Ele que não me ouça, o velho é ranzinza por natureza.

— Tem meu irmão para isso, que, inclusive, já está noivo, eu vou aproveitar a vida.

Maxwell é um bom amigo, parceiro, além de engraçado. Mas cá entre nós, é também um galinha e um cafajeste de carteirinha. Nenhuma mulher em sã consciência se apaixonaria por ele, se soubesse quem realmente é por baixo dessa barba castanha bem aparada e esses olhos misteriosos e sedutores, elas correriam dele.

Eu, por exemplo, já fui uma. Sim, já me apaixonei perdidamente pelo infeliz, mas passou, assim que me dei conta de quem realmente é por baixo dessa cara linda de macho alfa. Ou... ao menos não me incomodo mais quando conta suas aventuras sexuais, não tanto quanto antes. Bom, a paixãoite juvenil passou.

O que quero dizer é que por mais que seus alvos jurem não querer compromisso, ele parece ter algum feitiço, pois no dia seguinte à transa, lá estão elas, querendo repetir a rodada. O problema? Max não repete e, no fim,

todo aquele tesão se transforma em ódio. O mais puro ódio feminino.

— Hoje, por exemplo, poderia estar com uma garota legal, conhecer mais dela, indo além do que em suas partes íntimas. Ou até mesmo fazendo sexo matinal. Mas não, está aqui, comigo. — Adoro provocá-lo, mas imaginar isso causa um certo frio em meu estômago.

Vejo-o se encostar à cadeira, cruzar os braços frente ao corpo e me olhar de forma enfadonha, preguiçosa. Percebo que cutuquei a onça.

— Certo, dona Luciana, e se eu não estivesse aqui, com você, onde você estaria?

Bingo, onde eu estaria? Provavelmente na cama, embaixo de muitos lençóis em meio a esse frio. Meu cardigã que o diga.

— Quer dizer que não arruma namorada por minha causa?

— Não, é porque eu não quero mesmo. Além do mais, nos completamos. Saio por aí, transo à vontade, livre como gosto e depois me sento aqui e tenho um ótimo papo com minha amiga. Deixo claro, que ainda não sei por que sou seu amigo, já que, você fala demais. — É, é perfeito para ele...

— Não falo, só te incomodo porque falo a verdade.

— Sei...

Nego em silêncio e resolvo mudar de assunto.

— Vai passar o Natal onde, Max?

— Com você, é claro.

Sorrio. Tem sete anos que nos conhecemos e tem sete anos que Max passa o Natal comigo e com minha família. Quer dizer, não todos com minha família, teve um Natal que peguei catapora e fiquei em meu apartamento,

curtindo minha solidão ou quase, mas lá estava ele, me dando sopa e cuidando de mim. Eu disse, é um bom amigo.

— Max...

— Minha família não é apegada a datas, Lucy. Se não quer que eu vá, é só dizer...

— Tá maluco? O que seria do meu Natal sem você e seus presentes caros? Ah, já te adianto, não me sobrou verba para um bom presente para você. Por tanto, compre algo barato desta vez, não me envergonhe.

Ele sorri, dentes brancos e alinhadinhos que formam um sorriso perfeito.

Sabe, até entendo as mulheres, sério, ele é lindo. Alto, corpo atlético, olhos azuis com aquele ar de mistério, lábios grossos e deliciosos e um nariz assimétrico perfeito. Sejam sinceros, quem não se apaixonaria? Ah, e soube de fonte segura que é um deus do fogo na cama.

— Max...

— Fala. — E não demora a pegar o jornal sobre a mesa para começar a ler.

— Estava aqui pensando... acho que cansei de ser virgem — falo e ele levanta o rosto, me olhando, estático.

— Como é?

— Bom, estou com vinte e sete... sem namorado, ficante, nada... e bem, cansei de esperar.

O jornal volta para a mesa e suas mãos se unem, parando em seu colo. Posso imaginá-lo exatamente assim em um tribunal, esperando sua vez de fazer sua defesa e jogar o réu na merda. Já falei que ele é um ótimo advogado? Um dos melhores, meu orgulho. Passei muitas noites o ajudando a

estudar para isso.

— Luciana — ele só me chama assim quando não está satisfeito com algo que eu faça —, você segurou o cadeado até hoje porque queria se casar virgem, entrar na igreja de branco e toda essa baboseira e agora, do nada, quer dar?

— Não seja vulgar.

— Então não seja louca.

— Não estou sendo. Mas veja só, não tem aquele carinha que eu peguei na sua festa, semana passada?

— Pegou alguém na minha festa?

Mudo meu olhar, não entendendo esse *piti* ou essa sua encarada, como se eu tivesse matado alguém.

— Sim... O Felix.

— O Felix? O Felix? *Tá* de brincadeira? Aquele cara é escroto em vários sentidos.

— Não estou brincando, para com esse drama e para de me interromper. *Caramba*. Não fico gritando a cada vez que você diz que ficou com alguém, nem mesmo quando ficou com a minha prima.

Ele se cala, abre a boca e volta a fechar, pela primeira vez sem argumentos.

— Certo, você é adulta, só me deixa frisar o quanto foi idiota. Aquele cara não é para você.

— Isso, esse é o ponto, não aparece ninguém para mim, não o cara que quero. Entende aonde quero chegar? — Ele nega. — Teve o Fred...

— Ele fedia, além de ser um energúmeno e você concordava. Não ia

querer dar pra ele — ele completa e não está errado. Fred foi um dos meus erros.

— Teve Carlos.

— O que não conseguia ver um rabo de saia. Além do mais, era misógino.

— Vai ficar pondo defeito em todos agora?

— Só naqueles que realmente tem um defeito. Seu dedo não é lá muito bom para escolher.

Suspiro, bom, ele não está errado. Tenho dedo podre.

— Tudo bem, Max, já provou estar certo, mas o ponto é que, aqueles amassos que dei com Felix na sua cozinha, os lugares que a mão dele alcançou e como me deixou... excitada, foi... uau.

— *Porra*, Luciana. Me livra dos detalhes. — E ele está vermelho quando diz isso, como uma pimenta.

— E, desde então, eu estou, como posso dizer, mais... não consigo mais controlar essa vontade, uma vontade que nem sei bem ao certo do que seja, mas com certeza é de sexo.

— Acabou de dizer que não tinha certeza do que era.

— Não enche e me escuta. O que quero, o que quero mesmo é sentir aquele calor novamente, o desejo... aquele fogo todo e conseguir chegar à ebulição total. Por Deus, quero muito, Max.

Ele se remexe na cadeira, o jornal agora totalmente esquecido, deixado de lado enquanto cruza uma perna sobre a outra, encostando o queixo em sua mão e me olhando como se eu fosse um ET.

— Não vai dizer nada?

— Não sei nem o que dizer, me pegou... de surpresa.

— Calma, que eu ainda não contei tudo.

— Não contou?

— Não. Porque assim, já ouvi aquela coisa de: sua primeira vez é inesquecível, você se apaixona como uma idiota e blá-blá-blá. E não é isso o que eu quero. Quero fazer como você, só transar, arrancar o lacre e sentir prazer.

— Seja direta, o que diabos vai fazer?

— Quero contratar um garoto de programa.

— Você quer o quê? — Max pula na cadeira e praticamente grita, chamando a atenção das pessoas ao nosso lado na cafeteria.

— Pelo amor de Deus, Maxwell, fala baixo.

— Você tem noção do que está falando?

— Tenho, claro que tenho. Pensei muito nisso, inclusive, já estou pesquisando uns caras aí.

— Você surtou, é a única explicação.

— Não é, não. Ao invés de conhecer um carinha e passar vergonha ao contar para ele que sou virgem, vou contratar uma... bem, rola e...

— Pelo amor de Deus, nem sequer consegue falar o nome rola com naturalidade, Luciana — ele fala, tão sério, que penso que talvez minha ideia seja mesmo ruim.

Mas não é, sei que não. Assim não conheço o cara, não me apego, nada.

— Poxa, pensei que ia me apoiar.

— Nisso não, não conte comigo. *Putaquepariu*. E o papo de encontrar o cara perfeito? Se casar virgem e blá-blá-blá?

— Foi para as *cucunhas*, porque você estava certo, o cara perfeito não existe.

— Talvez exista, espere mais um pouco.

— Eu já cansei de esperar. Quero transar.

— Meu Deus do céu. Me ajuda aqui.

— Está decidido, Max. Vou arrumar um cara, contratar seus serviços e *pá...* iniciar minha vida promíscua.

— E agora sou eu quem digo, o que seu pai diria disso?

Provavelmente me deserdaria. Imagine só, um reverendo vendo sua filhinha, sua única filha mulher querendo distribuir por aí. Ele me trancaria no quarto até meu juízo voltar, ou o que ele acha ser o meu juízo.

Mas foi assim que fui criada, com esses valores, por isso que tanto esperei. Porque realmente acreditei nisso. Passei a vida vendo aquelas noivas lindas entrarem na igreja, eu queria isso, queria ser como elas.

O que me fez mesmo mudar de ideia? Bom, cerca de três semana atrás eu estava andando em uma calçada ao sair do trabalho, tropecei e caí quase de cara no asfalto. Um carro vinha logo atrás e quase, quase me acertou... Bom, depois eu fiquei imaginando o que eu perderia se tivesse batido as botas.

Ia para o túmulo e levaria minha virgindade junto... Não quero isso, minhas prioridades, hoje, são bem diferentes do que eram, anos atrás, também bem diferentes que as do meu pai.

— Bom, eu não vou contar, você vai?

Ele não parece nada satisfeito, nadinha mesmo, sua cara parece congelada e se ele está assim, imagine o que meu pai diria?

— Está decidido, vamos arrancar o lacre. Natal está chegando mesmo, quem precisa de mais sapatos ou bolsas caras? Tenho bastante perfumes, e o armário está cheio de roupas. O que eu preciso mesmo é perder esse lacre e é isso o que Papai Noel vai me dar este ano. Não importa o quão feio me olhe, Max.

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Capítulo 2

Max

Arrancar o lacre, arrancar o lacre. Luciana só pode estar delirando ou eu estou, depois de ouvir isso. Mesmo durante uma audiência que tive hoje, eu estava pensando nisso, nela, com outro homem, tirando sua... Vai à *puta que pariu!*

Como aquela cabeça de vento pode pensar nisso? Ela é a pessoa centrada do nosso relacionamento, da nossa amizade, quem traz sanidade à minha vida, nunca fui eu a precisar colocar juízo na cabeça dela. Até hoje.

Qual é, a mulher correu de perder a virgindade por anos, estava decidida a ser, como ela mesma diz, uma princesa ao encontrar o seu príncipe encantado e ser feliz para sempre.

Já a vi namorar? Sim, claro, teve alguns babacas que não conseguiram segurar o pau dentro da calça, queriam ir logo aos finais, ela não, e sempre terminava seus relacionamentos na velocidade da luz. O que eu achava ótimo, eles não a mereciam. Sendo sincero, nunca encontrei alguém capaz de merecê-la.

Nenhum durava mais que um mês, quinze dias, uma semana... enfim.

Agora, do nada, ela quer dar para qualquer um? Um garoto de programa... Francamente, Luciana, francamente. Ela merece coisa melhor.

Luciana merece o amor ao qual sempre sonhou, merece ser feliz com alguém que a entenda, a respeite, a ame e saiba esperar o seu momento. É o que ela merece e sempre quis. É tão difícil encontrar alguém que a ame tanto

ao ponto de esperá-la? Não deveria ser.

Lucy é a melhor pessoa que conheço, sou grato por tê-la em minha vida, tanto que não consigo me imaginar sem ela. A mulher é linda, em todos os aspectos, não só físicos. É generosa, amorosa, companheira, alegre, pé no chão e quando ela sorri... traz o sol consigo. Seu sorriso faz com que algo dentro de mim se aqueça e não entendo como, alguém que chegue a conhecê-la, possa abrir mão dela.

Quer dizer, até entendo... digo, eu conseguiria viver sem sexo? Sexo bom, puro, visceral? Provavelmente não, mas nunca encontrei alguém que me poria esse desafio e nem pretendo. Para começar, nunca amei ninguém, nem tenho planos para isso, não sou esse cara. Gosto de mulher? Claro, gosto de foder com elas, prazer mútuo e até outro dia.

Sem repeteco, sem levar para casa, sem intimidades, sem conversa fiada. Sexo e só isso. Então, sim, ao mesmo tempo entendo os babacas que já a deixaram ir, são da minha laia, claro, mas não tem o amor? Não é? Digo, muitos dizem que já sentiram a tal montanha-russa de emoções românticas... Então, Lucy só tem que encontrar o amor.

Não dizem que pelo amor vale tudo? Então, se ela encontrar esse cara, que a ame, ele pode, sim, ser capaz de esperar. O tal do casamento...

Isso aperta meu peito, essa ideia, de alguém tê-la para si. Não saberia explicar o porquê, não mesmo. Bom, talvez seja porque sei que, ao fazer isso, quando ela enfim encontrar alguém, algo mudará. Nosso relacionamento terá que ter limites certo. Pronto, é apenas isso. E é patético. Estou sentindo ciúme de minha amiga. Claro que apenas da sua amizade...

Enfim, para mim o amor é tudo parte de um conto de fadas, mas ela acredita e eu... bom, a entendo ou tento.

Agora, preciso demovê-la dessa ideia, do tal garoto de programa.

Tenho certeza de que ela encontrará alguém que a ame, que faça sua primeira vez ser tão especial quanto sonhou, que se importe o suficiente com ela.

Luciana merece isso, pode ser que não queira esperar até o tal casamento? Claro, mas não suporto a ideia de que ela faça isso com um garoto de programa.

Ou com qualquer outro homem. Meu subconsciente acusa e nego, sozinho, sentado na mesa.

São tantos anos de amizade, que me preocupo, a amo como... irmã, isso, irmã. Bom, acho que ao menos tenho tempo para tentar pôr juízo em sua cabeça. Quanto tempo ela pretende esperar, até escolher o tal garoto de programa, mesmo?

Isso ela não comentou.

Penso, enquanto espero por ela, sentado em uma das mesas do nosso restaurante tailandês favorito. Ela já deveria ter chegado, a propósito, está atrasada. E um detalhe sobre ela? Luciana nunca se atrasa, o que é estranho, além do mais, ficamos de resolver hoje os detalhes da nossa ida à casa de seus pais para o Natal. Nossa tradição, além do mais, preciso me organizar, aproveitar o recesso do tribunal e comprar seu presente.

O Natal, passei a gostar da data após conhecê-la.

Há tempos passo esse dia com ela. Minha família nunca foi ligada a datas comemorativas e depois que minha mãe se foi, piorou bastante. Sendo assim, anos atrás, no primeiro ano que eu estava sem minha mãe, devastado e com um buraco no peito, Lucy me chamou para ir com ela para a casa de sua família.

Lembro-me até hoje daquele dia. Ainda não éramos muito amigos. Morávamos na mesma pensão próximo à faculdade, ainda assim, não nos

falávamos muito e na ocasião só tinha restado a mim e Luciana naquela véspera de feriado. Todo o resto tinha ido visitar suas famílias.

Eu não tinha planos, ficaria ali mesmo e passaria minha ceia com cereal velho, pois meu pai estava trabalhando e meu irmão com a namorada. Luciana, claro, ia para a casa dos pais.

Eu estava sentado na escada com um livro na mão, sem realmente ler, quando ela desceu.

Acho que minha tristeza era bem visível, porque ela passou, cantarolando algo qualquer, fingiu não me ver e foi em direção à porta, com sua mochila rosa-choque nas costas. Mas ela parou, levou as mãos à cintura, soltou um suspiro alto e se voltou para me olhar. Demorando alguns segundos me encarando, antes de apertar o alto do nariz, uma mania que tem quando está nervosa ou ansiosa.

— Vai, levanta daí e vem comigo. — Dona de si, adorava e ainda adora me dar ordens.

— Surtou? Bateu a cabeça enquanto arrumava sua mochila superdiscreta? — Fechei o livro e usei de sarcasmo, ainda não erámos amigos e toda aquela sua pose me deixou intrigado. Mal tínhamos trocado duas palavras em todo aquele ano.

Mas eu sabia que ela me odiava ou, no mínimo, não ia com a minha cara, não depois que parti o coração da sua colega de quarto. Mas, ainda assim, ali estava ela, em pé, miúda, decidida e com um vestidinho branco, rodado e toda bonitinha. Ela parecia mesmo uma princesa, na verdade, ainda se parece.

— Não vou conseguir sair e te deixar aí, com essa cara de cachorro que caiu da mudança. Vou te levar comigo.

— *E pra onde, posso saber? Ou só vai me levar com você sem que eu não possa sequer opinar ou escolher? Não vou caber na sua mochila, por mais rosa que ela seja.*

Ela bufou, irritada, as bochechas vermelhas.

— *Sinceramente? Se eu pudesse, eu levaria, ou esqueceria que te vi aí, com cara de cachorro pidão, mas sou uma boa alma caridosa. Vamos para casa dos meus pais, numa cidade pequena, agrícola, aqui próxima. Vai lá, pega sua mochila, vai ser divertido.*

— *O que te faz pensar que vou com você, garota? Nem te conheço— perguntei, era petulante o suficiente para isso, mas ali, comecei a gostar dela, do seu jeito decidido, fácil e risonho, mesmo querendo parecer séria.*

— *Tem coisa melhor pra fazer? Sem falar, que você tem carro. É melhor que ir de ônibus. — Deu de ombros, com aquele sorriso lindo que aprendi a apreciar, ela sempre me trouxe luz com aquele sorriso.*

Claro que eu não tinha nada melhor para eu fazer e fui com ela, desde então, meu Natal é assim, com sua família que me acolheu como a um filho querido.

Não tenho do que reclamar, tenho a pessoa perfeita como melhor amiga.

Olho o relógio pela decima vez e, sentado, enquanto bebo uísque, sigo esperando por ela, que não chega e meu humor vai piorando com seu atraso, assim como minha preocupação. *Cadê ela?*

Olho o celular, não há nada, nenhuma chamada, nem um sinal e peço mais uma dose de uísque.

Decido então ligar, mas cai direto na caixa postal. Que inferno, Lucy. Uma mensagem, vou lhe mandar mensagem, antes que eu possa realmente

me preocupar. Mensagens, ela sempre responde.

**“Oh, Luciana, espero que
esteja bem, para se atrasar
por uma hora. Onde você**

Meus olhos estão fixos no celular, tomo mais um gole da bebida, sentindo o gosto amargo rasgar minha garganta, até que o celular vibra, me fazendo deixar de lado o copo.

Abro a mensagem.

**“Oi, mil desculpas, Max.
Acabei esquecendo o nosso
compromisso, mas vou ter que
furar. Vai ser hoje, a partir de**

— *Putá que pariu!* — profiro, alto demais pelo susto, quase me engasgando com a bebida e pouco me importo.

No mesmo instante, tento ligar para ela novamente, sem sucesso. E corro para lhe responder por mensagem.

“Não faz isso, Luciana. Estou indo para o seu apartamento, só não faz isso, por favor, ao menos me espere chegar”

Sinto meu corpo até mesmo tremer com o pavor de que faça o que me disse que faria. Isso é loucura. Idiotice.

Não tenho resposta alguma enquanto me levanto e pago minha conta, pegando o paletó e saindo como um louco em direção onde estacionei meu carro, com algo muito errado acontecendo aqui dentro, apertando meu peito.

Que merda, Lucy!

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Capítulo 3

Lucy

Ao guiar o carro pelo corredor do motel, estou nervosa, em principal quando paro em frente ao quarto em que, pelo o que fui informada, meu acompanhante me espera. Lembre-me de vir junto com o tal acompanhante da próxima vez, entrar sozinha em um motel é, no mínimo, constrangedor.

Se é que terá próxima vez, a julgar pelo quanto estou trêmula ao abrir a porta e pôr um pé no chão, nem consigo sequer sair do carro. Droga, eu estava certa de que isso era uma boa ideia, mas agora, agora eu não tenho mais tanta certeza.

O nervoso toma conta até da minha espinha e meu estômago esfria, parece até ter uma geleira inteira dentro dele. Talvez Max tenha razão, não foi uma boa ideia. Olho o celular jogado no banco do carona, silenciado, para que não escutasse tocar enquanto Max me ligou incessantemente, querendo me impedir.

Sei disso, vi as mensagens, só não quis respondê-las, cismeimei que tem que ser hoje. Pena que essa certeza agora parece estar tão longe.

Na última semana, passei pesquisando em sites, esses que nos proporcionam corpos gostosos como em uma vitrine. Eu pude escolher o homem, seu rosto, corpo e até mesmo o tamanho do seu membro. Isso mesmo.

Bem, eu sou virgem e sabia que não poderia ser um... pau muito grande, ou assim imagino. Então, deixei de lado um cara gostoso, que dizia

ter vinte centímetros e escolhi um de dezessete. Acho que é um número aceitável, concordam? Pois bem, o escolhido.

Não tenho amigas, não de verdade, como a amizade que tenho com Max, mas tenho colegas. E onde tem mulher, sempre rola essas conversinhas, sobre caras, suas principais habilidades sexuais e até mesmo o tamanho de seus... objetos.

Claro, que em todas essas conversas eu fingi não ser virgem, tinha vergonha de falar que fiquei esperando o cara perfeito aparecer, de dizer que estou ficando para titia, com o hímen petrificado.

Por isso, inventava histórias, algumas bem mirabolantes e, na maioria, românticas. O que é? Se é para mentir, que seja em grande estilo.

Pensar nisso, nas histórias que inventei esse tempo todo, parece me dar certa coragem e saio do carro, arrumando a bolsa em meu ombro, alisando meu vestido. Respiro fundo e me aproximo da porta do quarto, penso em bater, mas para que tanta formalidade? Afinal, eu o contratei, certo?

Seguro firme a maçaneta redonda e a giro, abrindo a porta e me deparando com uma suíte de luxo, tal qual eu escolhi. É para ser bom, perfeito, certo? Nada mais justo que uma suíte de luxo, mesmo que eu tenha pagado por ela.

Entro, não vendo ninguém, mas o barulho de uma torneira ligada me faz antever que ele está no banheiro. Também tem um celular sobre um aparador próximo à cama redonda, forrada com lençóis brancos. Será que trocaram esse lençol, após o último casal usar?

Que pensamento idiota a essa altura e percebo, então, que minhas mãos tremem, também suam, tamanho é o meu nervosismo. Isso é uma má ideia.

— Ah, você chegou!

Paraliso ao ouvir a voz grossa reverberar o ambiente, e arregalo meus olhos ao ver a espécie de homem parado na porta do banheiro, ou o que deve ser o banheiro, enxugando as mãos em uma toalha branca, sem camisa, apenas com uma calça preta e tênis. Meu senhor...

Ele era bonito nas fotos, mas aqui, pessoalmente, ele é de tirar o fôlego. Sabe aqueles caras perfeitos de academia, todo musculoso, tendo até os gominhos na barriga? É ele, moreno, alto, com um sorriso quase perfeito e cabelos pretos e lisos. Meu estômago embrulha.

— Luciana, não é? — E ao falar, ele se aproxima, tocando meus ombros e quase me encolho.

— Lucy, pode me chamar de Lucy — falo, a voz falhando, baixa e agora tenho certeza, isso foi um erro, pois estou até sentindo vontade de fazer cocô, de tamanho nervosismo.

— Certo, Lucy. Me dê aqui sua bolsa. — Ele a pega, deixando sobre a cama e voltando a se aproximar, me olhando como se quisesse me devorar. Bem, é para isso que estamos aqui, afinal, para ele me devorar, certo?

Errado, pois não me vejo deitada nessa cama com esse homem e neste momento, no pior possível, me lembro de Max, de sua mensagem ao me pedir para não vir, pois era um erro. O que eu estava pensando...

— Sua mão está gelada, você precisa relaxar, Lucy, não faremos nada que você não quiser.

Aceno, e ele me guia até a cama, me sentando sobre ela, não antes de deixar um beijo em meu rosto. E seu perfume... me enjoa. Que inferno.

— Gosta de strip-teaser?

— Como é?

— Trabalho em uma boate, sabe? Talvez dançar *pra* você, te deixe à

vontade.

— Eu não acho que...

— Shiu. — Ele me para. — Apenas aprecie — fala, colocando um dedo em meus lábios, para que eu não volte a falar.

Só então noto a música tocando no quarto, que ele trata logo de aumentar o volume, se afastando, rebolando ao som da música, tentando parecer sexy. Não é, não para mim e começo a querer rir.

Sim, rir de nervoso, nem sei mais. Mas sabe aquele filme De Repente 30? Quando o cara loiro começa a dançar para a Jenna? Então, a dança do cara que diz se chamar Gustavo, se assemelha àquela, quase idêntica. Chego dobrar a cabeça para o lado, a fim de entender sua performance e quando enfim ele parece ir abrir as calças, eu volto a mim.

Levanto-me, pegando minha bolsa, minha carteira para ser exata, e puxo algumas notas de 100.

— Não precisa pagar pela dança...

— Não é pela dança. Olha, obrigada por ter... vindo e pela dancinha. Mas tenho que ir, não vai rolar.

— Mas...

— É, não tem *mas*. Adeus, aqui está, por sua hora e mais alguma coisa. Adeus.

Pego minha bolsa e saio do quarto de motel o mais rápido que consigo, o carinha ainda tentando dizer algo que não quero escutar. Entro no carro na velocidade da luz e só volto a respirar quando já estou saindo, ao pagar o quarto.

Isso foi loucura, foi loucura. Max tinha razão, pela primeira vez, ele tem razão.



Subo as escadas do meu prédio, querendo parar em qualquer lugar e bater minha cabeça contra a parede. Onde eu estava com a cabeça? Se eu fosse um homem, eu diria que estava pensando com a cabeça de baixo, mas sou mulher, tem como pensar com testa de baixo?

Perco qualquer pensamento ao virar o corredor e ver alguém, sentado próximo à minha porta, abraçando os joelhos, a cabeça baixa.

— Maxwell? — E quando minha voz o alcança, ele se levanta, em um salto, a roupa amarrotada, a gravata azul frouxa e uma expressão desnorteada. — Maxwell, o que, o que faz aqui?

— Sua maluca. Onde estava com a cabeça? — ruge, enquanto me aproximo, já com minhas chaves nas mãos. — Sabe o perigo que correu? Sabe o quanto me preocupei?

Olho-o, surpresa, levantando minha mão e prendendo seus lábios para que pare de falar.

— Quer o quê? Que meus vizinhos saibam o que fui fazer? — praticamente sussurro e ele entende, me olhando ainda perplexo, para, em seguida, olhar ao redor do corredor.

Solto sua boca e, em silêncio, abro minha porta, entrando e deixando que ele me acompanhe. Ouço-o bater minha porta com força e o olho, jogando a bolsa no chão. O que deu nele?

— E então, foi adiante? Vendeu sua virgindade?

— Não começa, mesmo porque, para vender minha virgindade eu precisaria que alguém pagasse por ela, e foi ao contrário, eu estava pagando.

E depois, não seja patético e não finja que nunca contratou uma garota de programa.

— Mas eu não era virgem.

— E daí? — grito, fora de mim, nem sabendo o porquê do meu descontrole com ele. Ou sabendo, ainda não voltei a mim desde que saí daquele quarto e posso estar descontando isso nele.

Estou com raiva, sim, raiva de mim por ser idiota. Aquele cara, aquele cara nem era o meu tipo, não era, eu deveria ter escolhido outro, eu deveria ter tido mais calma, ou não, talvez eu seja apenas covarde. Talvez, eu devesse sair e conhecer alguém e só dar para ele, sem parecer algo tão... mecânico.

Pois uma coisa é certa, o cara perfeito que venho esperando não existe, tampouco irá esperar o casamento para chegar aos finais.

— Sério, Luciana? E daí?

— Para, *tá*? Para, porque agora, agora, eu preciso do meu melhor amigo, Max. Porque foi uma grande merda. Quer ouvir o quê? Que estava certo? Pois é, você estava. Satisfeito?

Ele para, me olhando, frustrado, zangado e passa a mão no cabelo liso já revolto, ficando ainda mais bonito e só agora parecendo realmente me olhar, me ver aqui. Max se aproxima de mim, com aquele olhar protetor, carinhoso e segura meus ombros.

— Ele te machucou? Foi isso?

— Não. — Me desvencilho dele, indo até o sofá pequeno em minha sala e me sentando. — Eu nem cheguei a fazer nada. Nada.

— Como assim? E *tá* vindo de onde?

— Sabe como sou maluca, Max, ainda mais quando estou nervosa e, *cara*, eu entrei em pânico. Imagina só, lá estava eu, no quarto de motel,

nervosa e gelada como uma pedra de gelo. E o cara? O cara era lindo, perfeito, igual as fotos. Aquele abdômen, era... uau. E eu travei, quer dizer, ele era mesmo lindo, mas algo nele, não sei, não era meu tipo. Ah, e teve a dancinha.

— Dancinha? — pergunta, confuso, se aproximando.

— Sim, ele parece trabalhar em uma boate à noite, dançando ou sei lá o que e começou a dançar, um showzinho só para mim. Claro que *pra* ele aquilo deveria ser sensual, mas para mim... — Paro de falar quando Max faz o som de estar cuspiendo algo. — Está rindo? Sério, Maxwell?

Max tenta negar, mas é vencido por uma forte gargalhada, tão forte que apesar de tentar, ele se dobra ao meio. Gargalhando alto, não posso culpá-lo, eu mesma quero rir.

— O cara dançou *pra* você? — diz rindo, se jogando ao meu lado.

— Você é um péssimo amigo, sabia? — Jogo uma almofada nele, que não se inibe por isso, passando o braço por meus ombros e tentando se controlar e parar de rir.

Está vermelho como uma pimenta, admiro seu esforço.

— Mas conta, e depois?

— Depois eu vim embora. Paguei o cara, o quarto e me mandei e aqui estou.

— E virgem.

— Sim, virgem... como vim ao mundo. Até mesmo sem pelos, porque li em algum lugar que homens gostam de mulheres totalmente lisinhas, então me depilei, inteira, com cera e bem... passei muita dor à toa.

Suspiro e o olho, falar disso é algo natural entre nós, mas Max me olha de forma estranha, enigmática, uma forma que eu ainda não tinha visto. É...

diferente, é, não sei.

— O que foi?

— Eu não me importo. — Dá de ombros, se ajeitando ao meu lado, chegando mais perto.

— Com mulheres depiladas?

— Bom, é até uma questão de higiene, acredito, mas não me incomoda. Até gosto, desde que estejam bem aparados, bem cuidados. Enfim, só não me incomoda, acho que não tenho preferência.

— Você é a exceção à regra, então.

— Parece que sim... — Nos olhamos, o ar parece mudar, rarefeito, porque depois de muito tempo, começo a imaginar como deve ser Maxwell nu e nem sei o porquê desse pensamento.

Já tinha imaginado, claro, quando tive uma paixonite por ele, lá atrás, mas desde que nos tornamos realmente amigos, que não penso nele assim, nu, gostoso *pra caralho*...

De repente, sinto algo subir, um calor, algo queimando entre minhas pernas, molhando minha calcinha ao olhar no fundo de seus olhos. Espera, isso é desejo, por Max?

Levanto-me, de súbito, deixando-o sentando e perdido ao cortar o contato, indo para cozinha do apartamento em conceito aberto.

— O que foi?

— Comida, *tá* com fome? Eu estou e vou fazer sanduíches.

Com fome e confusa, tão confusa quanto poderia ficar ao me imaginar em uma cama nua, com meu melhor amigo.

— Sanduíche é uma boa. Acabei não jantando, porque você me deu um

bolo. — E aqui está ele, de novo, ao meu lado, me queimando ao roçar seu braço no meu. — Quer ajuda?

Afasto-me, como se ele realmente pegasse fogo, não conseguindo encarar seu rosto e sentindo o meu próprio queimar.

— Não, não preciso. Senta aí, vamos conversar sobre o Natal — peço, abrindo a geladeira e pegando o que preciso.

— Ah sim, o Natal. Vamos sair depois de amanhã?

— É, parece bom. Após o almoço, o que acha? — pergunto, ainda de costas, tentando entender o que diabos me deu.

Por que raios, logo agora, essa franja na testa, esse cabelo desganhado e esses olhos quentes como o inferno, estão causando estragos no meu estômago?

É Max aqui, é apenas Max.

— Sim, por mim, ótimo.

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Capítulo 4

Max

Eu seria um sujeito muito ruim, se dissesse que estou feliz por Luciana está aqui, dormindo ao meu lado, segura e ainda virgem? Não me entendam mal, mas não seria justo com ela se, após um idiota qualquer, fazendo uma dancinha ridícula, ela entregasse para ele sua pureza.

Sua pureza, até pareço minha avó falando, que Deus a tenha.

Ainda estou em sua casa, não consegui ir embora. Não ainda. Ouvi dela como estava chateada consigo mesma por não ir até o fim, e por umas três vezes ela contou detalhes de como foi, desde que saiu daqui, de sua casa, até o motel encontrar o talzinho. Enquanto isso, eu sentia apenas alívio.

Depois, jantamos juntos e resolvemos assistir a um filme, até que Lucy dormiu, com a cabeça encostada em meu ombro, enquanto eu fazia um cafuné em seu cabelo. Ela adora que massageiem seu couro cabeludo, sempre acaba dormindo quando o faço.

Pego o controle da tv, desligando-a e olhando o rosto de Luciana, que ressona tranquila, imóvel. Esquadrinho cada centímetro de seu rosto, parecendo notar como é bonita pela primeira vez. Não, não pela primeira vez, sempre a achei linda, angelical até, mas... ela é realmente uma mulher de beleza extraordinária.

Um nariz pequeno, fino, olhos grandes para o seu rosto, mas que, de alguma forma, ficam perfeitos nela e uma boca vermelha, carnuda e deliciosa... Inferno. Nego, incomodado com esse pensamento.

Aos poucos e com cuidado para não a acordar, eu me levanto, a pegando no colo cuidadosamente. Um muxoxo apenas e ela se aninha a mim quando a tenho suspensa. Em um gesto automático, como já fiz muitas vezes, beijo sua testa, mas algo me faz prolongar o contato, por tempo demais.

Talvez seja o cheiro de seu cabelo, eu amo esse xampu que ela usa há anos e hoje, ele me parece ainda melhor.

Um sentimento que não sei nomear pesa meu coração e vou em direção ao seu quarto, abrindo a porta com cuidado e a colocando sobre sua cama. Uma cama que já dormimos juntos diversas vezes, conversando até muito tarde.

Às vezes, até mesmo após uma transa mal resolvida eu vinha para cá, trazia alguma guloseima que ela gosta e acabávamos a noite em sua cama, até pegarmos no sono. Sempre foi perfeito assim e, por que agora, parece errado?

Minha vontade ao colocá-la na cama, é de me deitar ao seu lado, me aninhar ao seu cheiro e pegar no sono. Mas hoje não, porque algo mudou, algo está rasgando meu peito por dentro, como se um grande peso estivesse me puxando para baixo, me fazendo ficar.

Olho mais uma vez para Lucy deitada na cama, seu peito descendo e subindo e mais uma vez a imagino nua. Isso é errado de muitas formas, várias formas que eu nem poderia nomear. É indecente, ela é minha amiga, minha melhor amiga.

Mais cedo, quando ela disse ter se depilado eu, de forma suja, a imaginei nua, completamente depilada e despida para mim.

Foi inusitado e assustador, pois já até mesmo vi Luciana de lingerie e nem mesmo nesse momento senti qualquer desejo por ela, mas hoje, só de ela citar... meu Deus.

Estou enlouquecendo, eu vou surtar. Eu senti tesão, sim, e quando ela me olhou? *Put a que pariu*, eu tive que me segurar, controlar meu pau para não subir bem ali, ao seu lado. Tive que pensar em algo que me fizesse brochar, enquanto imaginava minha melhor amiga nua, em minha cama, pingando de tesão por mim.

Isso é sujo e pervertido, e por mais que eu queira negar, não consigo, estou aqui, a olhando e imaginando como seria tê-la, ser eu a tirar sua... Chega, Max, chega.

A passos compridos, vou em direção à porta, pegando meu paletó ao passar pela sala e me mandando daqui. Preciso sair, preciso entender o que está acontecendo comigo.



Toco a campainha novamente, sem me importar com a hora, começando a ser bem intransigente ao apertar o botão de forma ininterrupta. Uma hora ele irá acordar, isso se estiver em casa. Toco novamente e mais uma, duas, três vezes até que ouço a chave rodar na fechadura.

Não demora para meu irmão abrir a porta do seu apartamento, me olhando como se visse o próprio diabo aqui em sua frente e eu entendo, estou batendo em sua porta de madrugada.

— Max? O que faz aqui a essa hora? O pai... — Arregala os olhos, preocupado.

— Não, não. Nosso pai está bem, quer dizer, deve estar. Vim porque preciso falar com alguém.

— Sério? E onde está Luciana, pelo o que me lembro, ainda são melhores amigos, não é?

Okay, não somos tão próximos assim, temos uma boa diferença de idade, sem falar que fui para um internato quando ele ainda era um garotinho, não criamos aquele laço cheio de amor de irmãos. Não brigamos muito, não roubei ou quebrei seus brinquedos, não peguei o carro do meu pai emprestado para saímos à noite, eu não estava lá para isso.

Tenho essa cumplicidade com Luciana, que agora não vem ao caso. Mas não é tarde demais para isso, digo, a proximidade de irmãos. Podemos não ser melhores amigos, mas somos irmãos, o que me dá direito de bater em sua porta a uma hora da manhã.

— É, é, mas... vai me deixar entrar ou não?

— Cara... Manu está dormindo.

Manu é sua noiva e, pelo visto, ele também estava dormindo, pois veste apenas uma calça moletom e tem a cara amassada.

Temos quase a mesma altura, corpo e cor de cabelo, o que muda é nossa fisionomia e a cor dos olhos. Os meus são azuis, os dele castanhos. E enquanto tenho um rosto anguloso, ele tem um rosto quadrado. Diferentes, mas nem tanto.

— É rápido — falo, quase implorando e ele sorri, sei que vai ceder.

— *Tá* bem, entra aí.

Felipe me dá espaço e passo por ele como um furacão, indo em direção ao pequeno bar do lado direito de sua sala ampla e sofisticada. Encho um copo de uísque e sorvo um gole antes de voltar a olhá-lo. Felipe permanece me olhando, braços cruzados, ainda próximo à porta. Está a ponto de me mandar ir embora.

— Não posso falar com Lucy, porque ela é o assunto. Ela e sua virgindade.

— O quê? Ela ainda é virgem? — Ele parece perplexo.

— Não enche, Felipe, não faz essa cara. Não é algo tão anormal assim — minto, até mesmo eu acho anormal. Mas é questão de escolha.

Meu irmão sorri, tentando negar e fazendo sinal para que eu continue.

— Hoje ela ia ter um encontro, ia transar enfim e isso me causou algo que nunca senti. — Omito a parte de que ela contratou alguém para fazer isso. — É algo que não sei explicar. Então ela voltou para casa, algo deu errado e ela ainda é virgem. E, cara, isso me deu um *puta* alívio. Eu me senti aliviado por ela ainda ser virgem, por não ter ido até o final, por... Eu sou muito egoísta.

— Espera. Ela está namorando?

Só de ele cogitar isso me dá raiva e fecho minha mão em punho, tentando controlar um turbilhão aqui dentro.

— Não, claro que não, seu idiota!

— Ué, é o óbvio a se pensar.

— Por que seria?

— Por que não seria, Max?

— Por... — Eu não tenho o que responder, ele está certo, é o óbvio. — Certo, você tem razão e não, ela não tem namorado.

— Sim, e posso entender, ela é virgem e quer continuar assim. Lembro que é por querer se casar pura, não é?

— Esse não é o ponto aqui, Felipe. O ponto é o que eu senti, é o que eu estou sentindo, *porra*.

— Okay, okay e o que está sentindo?

— Eu não sei, eu não sei. Achei que poderia me dar a resposta.

— E por que eu?

— Tem uma noiva, é certinho, ama *ela*, não ama? Pois é, deve entender de sentimentos. Eu perguntaria *pra* Luciana, mas como vê... o que eu posso dizer a ela? Então me diga, o que diabos é isso me queimando aqui? — Toco meu peito, e meu irmão apenas sorri, olhando algo atrás de mim.

— Amor... — Ouço uma voz feminina e me viro, vendo Manu, a ruiva estonteante, minha cunhada, saindo do corredor.

— Estava aí ouvindo a conversa atrás da porta? — pergunto, vendo-a vir em minha direção coberta por um robe rosa, parando em minha frente e se esticando para beijar meu rosto.

Gosto da garota, sempre gostei, o babaca tirou a sorte grande.

— Não estava escondida, você que não me viu, bobão. E não fuja do assunto, Max. Você se apaixonou por sua melhor amiga, o que está queimando aí é amor.

— Não, não foi... — Bufo, pensando no peso de suas palavras.

Eu não me apaixonei pela minha melhor amiga, não é?

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Capítulo 5

Lucy

— Acredita que sonhos têm significados, Max? — pergunto, enquanto seu carro desliza pela pista, estamos quase chegando ao sítio dos meus pais.

Maxwell me olha, de lado, daquele jeito pouco à vontade dele. Está assim desde que me pegou em meu apartamento mais cedo, após ter sumido ontem o dia e a noite inteira. O que foi estranho, bem estranho, veio aparecer só hoje, com uma desculpa esfarrapada, dizendo que teve que meter a cara em um processo, já que passaria três dias fora, e não pôde dar sinal de vida.

Uma mentira, o conheço bem quando mente.

— Não, não. Por quê? Vai me dizer que cortou o cabelo por sonhar com algo do tipo?

Sorrio. Cortei o cabelo ontem, estava entediada e queria mudar, passei a tesoura e o deixei pouco abaixo do ombro. Me achei bem sexy com o corte, gostei.

— Não, bobão, é que sonhei com você — deixo escapar, nem sei por que toquei no assunto, talvez por ele estar quieto desde que saímos da cidade. Só queria tentar fazê-lo dizer algo que não seja: uhum, okay, tudo bem.

— Sonhou? — E pela primeira vez hoje ele parece me olhar realmente. — Como foi esse sonho? Vai dizer que era comigo me casando de novo com aquela sua... colega, não era? — Não entendo esse tom que ele usa, sarcasmo puro.

E sim, já sonhei com ele se casando com uma colega de trabalho. Foi

assustador, pois eu levantei naquela pausa trágica e interrompi o casamento, dizendo que o amava profundamente. Estranho... mais estranho ainda foi acordar com a sensação de que o estava perdendo para outra mulher.

Foi bizarro!

— Não, não foi isso. Quer dizer... eu não me lembro — minto.

Eu me lembro sim e como eu me lembro, cada detalhe sujo e extraordinário. Em meu sonho, estávamos ambos em meu quarto, nos despindo e logo em seguida, transamos loucamente e quer saber mais? Eu gozei, eu cheguei a gozar em sonho, cacete. Gozei gostoso, enquanto Max me olhava e tinha a cabeça entre minhas pernas, me chupando. Acordei suada, sentindo um tesão do *caralho*, enquanto gritava ao me entregar àquela delícia de homem. Ou melhor, essa delícia.

O que foi? Claro que sei o que é gozar, gente. Me toco, sempre que posso em busca de prazer, e o que Max me deu, mesmo em sonho, foi arrebatador. E chego a suspirar ao lembrar agora, enquanto enfio uma jujuba na boca e olho-o de esquelha.

Foi assustador e delicioso ao mesmo tempo, mas era o Max. O Maxwell, o meu melhor amigo. E sim, esse inferno de homem é lindo, um tesão e me pergunto por que mesmo ele nunca tentou algo comigo... ele tenta algo com todas, até mesmo com uma galinha, se ele a vir.

A resposta é bem óbvia, ele só fica com uma mulher por uma noite, uma transa, e isso, eu não poderia dar a ele. Sou virgem e sempre deixei isso bem claro para ele. Na verdade, sempre esfreguei em sua cara que ele seria o último homem por quem me apaixonaria. Mas agora, olhando-o assim... eu poderia, sim, me apaixonar. Já o fiz isso, na verdade, lá atrás, quando o conheci. Era algo tão natural.

Pois ele sempre foi esse cara, aquele que chama a atenção de todos ao

entrar em algum lugar. Mas agora, ele é só o meu melhor amigo e não adianta ficar sonhando com Maxwell me dando orgasmos. É loucura, Luciana, você já superou essa bobagem, essa paixonite adolescente.

Pelo amor de Deus, imaginá-lo nu, okay, mas daí a acordar no meio da noite gritando seu nome enquanto gozava... foi... Deus do céu. E se ele tivesse comigo quando isso aconteceu? O que eu diria?

Eu estaria muito ferrada, na verdade, eu estou muito ferrada se continuar a me lembrar de Max me fazendo gozar daquele jeito. E que jeito...

— Só se lembra que foi comigo?

— Isso, apenas isso. Estranho, não é? — Jogo mais uma jujuba na boca e ofereço para ele. — Quer uma?

Max sorri, meio de lado, daquele jeito que antes não fazia minha calcinha molhar, mas que agora... O que inferno está acontecendo comigo?

— Não, você comeu todas as vermelhas.

Dou de ombros.

— São minhas favoritas. Enfim, só sei que foi com você e é o que é.

Como de costume, me aconchego no banco do carona, cruzando minhas pernas e como seu braço está sobre o suporte entre os bancos, atrelo meu braço ao dele, encostando minha cabeça em seu ombro. Adoro viajar assim com ele, fico quentinha.

Aperto meus olhos, estranhando algo. E poderia dizer que estou com a sensação de que é Max esse algo muito estranho. Ele está assim desde que saímos mais cedo, mas também poderia dizer que isso é coisa da minha cabeça, por conta do sonho, posso estar imaginando coisas.

Mas agora, quando me encosto nele e o sinto-o se retesar, sei que não é só impressão minha, algo está mesmo errado.

— Me deixa tirar o meu... isso, meu braço, você o está machucando com seu relógio. Obrigado — pede, afastando seu braço.

— Max, há algo errado? — Ele me olha, com cara de poucos amigos e depois sorri. Eu acreditaria nesse sorriso se não o conhecesse tão bem.

— Não, nada. Por quê?

— Sabe o problema de ser o melhor amigo de alguém por tempo demais, Maxwell?

— Qual? — Finge falso interesse, olhos na estrada.

— Você não consegue esconder nada dessa pessoa. Por exemplo, sei que tem algo errado desde que saímos e que você não quer falar sobre isso, nem mesmo comigo. E tudo bem, nem sempre queremos falar tudo, só aceite que há algo errado e não me faça de idiota.

— Está exagerando.

— Sim, você sempre fala isso quando tenho razão.

— Você consegue ser insuportável às vezes, sabia, Luciana?

— O que é, Max? Não queria vir, era isso? Arrumou algo melhor para fazer e não soube como me dizer?

— Não, não é isso.

— Ah, então tem alguma coisa?

— Pelo amor de Deus. Só para de perguntar isso, Luciana, tire um cochilo e só cale a boca. Pode ser?

Ele praticamente grita e ele nunca grita, não comigo. Tenho olhos arregalados enquanto o analiso e não é qualquer coisa errada, é algo muito errado o que está acontecendo com esse imbecil. Mas ele gritou comigo, algo que odeio que façam.

Como uma criança mimada, me viro para frente, aumentando o volume do som e fechando meus olhos. Ele não quer falar? Pois bem, eu não quero ouvir.

— Lucy, eu não quis gritar, me desc...

— Vá se foder, Maxwell! — E isso basta para calá-lo.

Quer passar o Natal enfezadinho? Então foda-se, quando quiser falar, ele vai falar, não vou ficar adulando um marmanjo de trinta anos.

Ah, faça-me um favor.



—Eu estou bem, mamãe, viu só? Ganhei até uns dois quilinhos nos últimos meses — falo para a senhora de quase sessenta anos, de cabelos grisalhos curtinhos, que agora está me analisando da cabeça aos pés.

Como eu senti saudade dela, de todos e desta casa.

— Hum, está mesmo mais bonita. Falei isso ao seu pai ainda ontem e, Max, você também está lindo, filho.

— Obrigado, Denara. Onde coloco as malas? No mesmo quarto do ano passado? — pergunta, educado.

Acabamos de chegar à casa dos meus pais e após uma boa algazarra por duas tias minhas estarem aqui, conseguimos, por fim, manter um diálogo onde sou ouvida. Amo minhas tias, mas elas são loucas e falam como duas maritacas.

— Ah não, filho. Coloque suas malas no quarto de Lucy. Acreditam que todos os seus irmãos veem para o Natal este ano? Então, não poderá ficar no quarto de Mike. Vou colocar um colchonete *pra* você no quarto de

Luciana. Vocês sempre acabam dormindo por lá mesmo.

Um detalhe sobre minha mãe, ela ama Maxwell e acredita piamente que um dia ainda vou me casar com ele, não importa o quanto eu negue. Já meu pai, acredita que Max é gay, por isso não se importa que dormimos no mesmo quarto. Dois extremos...

— Não! — Max praticamente grasna em desespero. — Posso ficar no sofá. — Olho para ele, quase de boca aberta. O que diabos está fazendo? Qual o problema de ficarmos no mesmo quarto?

— Ah, filho, bobagem. Sabemos que são amigos. Alonso não vai criar caso. Anda, pode pôr as malas lá em cima e vão logo tomar um banho. Daqui a pouco tem o jantar.

Max não me olha, não importa se estou quase o secando.

— Claro, como a senhora quiser. Vai subir agora, Lucy? — diz, pegando as malas e já indo em direção às escadas.

— Vou, vou sim. Papai vai demorar, mãe?

— Deve chegar para o jantar, foi pegar o carneiro para matarmos para a ceia amanhã.

— Argh.

— Não finja que não come quando a carne está mesa. Agora vá lá.

Rio, amarelo, subindo as escadas logo depois de Max, que leva as duas bolsas, a minha *super pink* e uma preta, dessas bem chiques que, claro, é a dele, um cavalheiro. E eu levo apenas a pequena bolsa com seu notebook.

— Segunda porta à esquerda.

— Eu sei, Lucy.

Ignoro-o, me adiantando e abrindo a porta para ele, que ainda não me

olha. Eu não vou aguentar esse homem tão azedo assim no meu quarto, não mesmo, ele vai ter que desembuchar.

— E aqui estamos. Quer tomar banho primeiro?

— Pode ser, vou só pegar uma roupa na mala.

— Ué, pode se trocar no quarto. E tem toalhas no armário.

— Claro, claro, mas vou levar minha roupa.

Na velocidade da luz, Maxwell abre a mala sobre a cama e pega uma roupa, entrando no banheiro em seguida. E lá se vai ele, e é oficial, está mesmo estranho.

Como sou a única menina entre quatro irmãos, papai achou por bem que eu tivesse um quarto com banheiro, só meu. Assim, aqui em cima tem quatro quartos e um banheiro no fim do corredor, de uso comunitário para os *bebezões* bagunceiros. Eu sempre achei isso um máximo, tenho que admitir.

Vou até a mala aberta de Max e tiro as poucas peças que ele trouxe, todas muito bem passadinhas. Metódico, adoro sua mania de arrumação, não nego. Me complementa, já que sou bagunceira.

Sorrio ao pegar o único terno que ele trouxe, colocando em um cabide e levando para o meu armário. Ainda tenho poucas peças aqui, algumas que nem me servem mais, sorrio, fui feliz aqui.

Arrumo suas roupas de um lado, para não amassar, e resta apenas alguns itens em sua mala pequena. Itens de higiene e uma caixinha, dessas de joias. Chego a pegá-la nas mãos, pronta para abrir, a curiosidade me consumindo. Mas a porta do banheiro destrava e jogo-a dentro da mala, me virando e olhando-o.

— Arrumei suas roupas ali no canto do armário para não amassar. Restaram esses itens na mala, você vê onde colocar ou deixa na mala.

Ele está vestido e praticamente corre para perto da mala, a fechando.

— O que, o que estava fazendo, Lucy?

— Como assim?

— Mexendo nas minhas coisas.

— Ué. — Paraliso, sobre seu olhar... chateado? Mas isso nunca foi um problema. — Max, eu estava só arrumando suas coisas, nunca foi um problema *pra* você, eu não...

— Mas eu não pedi.

Aperto o alto do meu nariz, respirando fundo. Qual o problema desse idiota?

— Qual é, Max? O problema é comigo? É isso? Eu já te suportei chato, chato *pra caralho* até, mas por causa dos outros. Mas hoje, parece ser pessoal, ser comigo e então diz logo qual a *porra* do problema. Quer ir embora? É isso?

Ele solta o ar com força, passando a mão no cabelo molhado.

— Não, não é isso.

— E o que diabos é?

— Nada, nada. Preciso de um minuto, vou descer. Não estou no meu melhor dia, Luciana, só isso. Consegue entender?

— Desde que não grite ou jogue sua ira em mim, seu idiota, tudo bem.

Vou para o banheiro. O que deu nele?

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Capítulo 6

Max

O que deu em mim?

Sou imbecil, um completo quadrúpede. Nunca lidei com sentimentos, nunca fui bom com isso, por este motivo, sempre precisei dela quando estava com algo confuso dentro de mim, sim, muito confuso. Mas sempre era algo com meu pai, trabalho, pessoas idiotas, mas agora, o sentimento é com ela, por ela.

Naquele dia, quando fui à casa do meu irmão, saí de lá com a sensação de ser atropelado por um trem, estava completamente perdido. Naquela noite, eu enxerguei uma outra perspectiva, me fizeram enxergar, eu estava apaixonado e era por Luciana, a mulher que dividiu anos da sua vida comigo.

Mas por que só agora?

Eu me fiz essa pergunta vezes demais e cheguei a uma conclusão: não foi apenas agora.

Sempre me senti incomodado quando Luciana arrumava um namorado, por exemplo, ou um caso qualquer, sempre me preocupava demais, sentia medo de perdê-la. Mas dizia sempre que isso era ciúme de amigo, por ter que dividir sua atenção com alguém. Mas nos últimos meses, algo mudou, talvez o sentimento começou a ficar mais intenso ou sei lá o quê.

Comer bocetas não era mais tão divertido quanto antes, eu não tinha mais vontade de sair por aí à caça, sentia mais vontade de estar com ela, nem que fosse comendo alguma porcaria que ela tanto ama. E quando a ideia

idiota de perder a virgindade com um garoto de programa passou por sua cabeça, foi que a coisa piorou e senti o tal algo a mais. A ficha começou caiu.

O desespero que senti quando ela mandou aquela mensagem foi assustador. Medo, medo por ela, medo de que a machucassem, medo de que o homem a tocar não fosse eu, que não a tratassem como merecia, merece. Bom, se bem que eu não fiz isso agora, não é? A tratei como um idiota.

Deveria tentar conquistá-la, não a afastar. Mas ela ia estragar a surpresa, ela ia abrir o presente. Inferno, fui grosso, imperdoável. Até, gritei com ela hoje e, pelo amor de Deus, ainda não pedi desculpas por isso.

E ainda tem a parte em que vamos dormir no mesmo quarto, sem falar do cabelo. A infeliz conseguiu ficar ainda mais bonita com o novo corte de cabelo. Eu não vou aguentar, eu vou ter que ir direto ao ponto.

Quando Manu, minha cunhada, disse que eu estava apaixonado por Lucy, primeiro eu ri, achei uma loucura, mas aí sim, a ficha caiu. Era isso, me apaixonei por minha melhor amiga. Aquela desgraçada pequena se embrenhou e me laçou de forma que nem mesmo eu pude ver ou sentir, até estar totalmente rendido.

Primeiro senti raiva, dela, em principal. Nunca quis amar ninguém, nunca esperei isso, mas aconteceu. Depois senti raiva de mim por me deixar enredar e, por fim, só me restou aceitar e sentir mais medo. Medo de ela não aceitar esse sentimento. Estou sentindo-o agora mesmo, ainda mais depois que a tratei.

O que eu tenho para dar a ela? Nada, sou... só eu. Droga.

Fico andando no corredor de um lado para o outro em frente à porta do quarto, que vá ao inferno. Volto a abrir a porta e entro, pronto a dizer a ela que... ela está nua.

— Meu Deus, Max — grita, em pânico, pegando a toalha e se cobrindo.

Eu sequer tenho a decência de me virar, de fechar os olhos ou sair... sou um *filho da puta*. Marcho em sua direção, incapaz de sair daqui, incapaz de esquecer o que eu vi.

— O que está, o que está fazendo?

Seguro seu rosto entre minhas mãos, a língua presa sem conseguir dizer absolutamente nada, apenas querendo sentir seu sabor. Colo meus lábios aos seus, sem conseguir me segurar, gesticular, ou falar qualquer coisa. Eu só preciso beijá-la.

Tomada pelo susto, Lucy não faz nada, não se move e enrolo meu braço em sua cintura, a puxando mais para mim, colando seu corpo ao meu. Mordisco seu lábio, sentindo-a relaxar em meus braços, e ceder, abrindo seus lábios.

Sinto enfim o seu gosto, lambendo seus lábios e sugando sua língua, meu coração retumbando em meu peito, pedindo prudência. Um gemido lhe escapa e me faz perceber que não era para ser assim, desde que a peguei em casa não era para ser assim. Que eu procuraria um momento e, então, lhe contaria minha confusão, meus sentimentos.

Afasto-me, olhando seu rosto, a vendo ainda de olhos fechados, aliso sua bochecha com o polegar, vendo-a abrir os olhos preguiçosamente, íris brilhantes, surpresa, perfeita.

— Max...

— Me desculpe, me desculpe eu... — nego, dando-lhe as costas e a deixando aqui, sozinha e sem nenhuma explicação.

Eu sou um *filho da puta*.



Lucy

O que... Max... eu... ele me beijou e, Deus, ele me viu nua.

Isso, para fugir depois. O que deu nele, por que ele fez isso? O que... *tá*, eu estava nua e isso pode ter causado nele algum furor, não é? Meu Deus.

Meu coração está retumbando no peito enquanto minha cabeça dá voltas e mais voltas, tentando entender o que aconteceu aqui. Como eu vou olhar para ele depois disso? Já foi difícil suficiente após um sonho erótico, mas era um sonho e ele não sabia, mas agora ele me beijou, o meu melhor amigo me beijou e tudo o que quero agora é tornar o sonho realidade e com ele.

Meu Deus!

Visto o primeiro vestido que encontro e saio do quarto, descendo as escadas, apressada, tentando encontrar Max e poder tirar essa merda a limpo antes do jantar. Ele deve ter uma explicação para isso, tem que ter. Nosso Natal não pode ser um emaranhado de olhares estranhos, um fugindo do outro.

Desço as escadas quase correndo, encontrando minha mãe na sala de jantar.

— Mãe, viu o Max?

— Sim, acabou de sair.

— Sair? — Paro, perplexa.

— Sim, disse que ligaram *pra* ele, algo com o trabalho e ele tinha que ir à vila fazer alguma coisa. Eu não entendi bem, sei que saiu apressado. E disse *pra* não esperar por ele para o jantar, pediu desculpas.

— Ele disse isso? — Ele é inacreditável, mas é típico dele. Sempre fugir.

— Disse e saiu. Bom, o jantar já está quase pronto e vi seu pai estacionar o carro há pouco, já, já ele está aqui e jantamos. Tia Trude e Agnes também já estão prontas.

Olho pela sala vazia, a mesa quase posta. Toco meus lábios, ainda sinto seu sabor. Eu não posso me apaixonar, não posso, mas ele acaba de tornar isso bem difícil.

— Sim, claro, eu também estou... Os meninos chegam hoje?

— De madrugada, por quê?

— Nada, nada. Bom, o que posso fazer para ajudar a senhora com a mesa de jantar?

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Capítulo 7

Lucy

Mamãe estava certa e ele não voltou. Me pergunto se foi embora de vez e terei de levar sua mala quando voltar de avião, no domingo à noite, sozinha. Já até dei uma olhada nas passagens, estão com um bom preço, a julgar pela época do ano. Minha mãe insistiu em colocar um colchonete para Max ao lado da minha cama, mesmo ele não estando aqui e seu celular, desligado. Não tive como dizer que ele não ia mais voltar porque me beijou.

Ele me beijou.

Já passa de uma da manhã e eu sequer consegui dormir ainda, confusa, com raiva e pensando no beijo. Em como me senti. Foi ótimo, até mesmo melhor do que sonhei.

Suspiro, virando na cama, tentando dormir e olhando o colchonete vazio no chão.

— Idiota. Sendo levado pela cabeça de baixo. Idiota — falo em voz alta, batendo em minha testa.

Paro, ao ouvir passos no corredor. Meus irmãos só chegam às três da manhã, o que quer dizer que... Fecho meus olhos, mal respirando, quando a porta do meu quarto é aberta.

Sei que é ele apenas pelo cheiro, cheiro do seu perfume misturado. O imbecil foi para onde, afinal? O beijo foi tão ruim assim, que ele teve que fugir? Ou talvez o problema não seja comigo e, sim, com algo no trabalho ou sei lá. Estava estranho desde que saímos da minha casa, pode não ser só

comigo.

Ouço o barulho dele se deitando no colchonete, sentindo sua proximidade e me esforçando para manter meus olhos fechados ao sentir o toque macio de seus dedos em meu rosto.

— Desculpa, Lucy, por favor... Eu sou um imbecil, só me desculpa...

Ele espera que eu responda? Claro que não, acha que estou dormindo. Solto um suspiro falso, me virando, tentando não abrir os olhos e fazer um escândalo, estou *puta* demais para isso e seria capaz de mandá-lo sumir daqui.

Quem beija alguém e pede desculpas em seguida? Energúmeno de uma figa.

Nada aconteceu, nada. Vou fingir que sonhei com isso, posso fazer isso. Posso, não posso? É Max, é só Max aqui.

Meu coração galopa em meu peito e tudo o que eu não posso fazer, é me apaixonar pelo canalha do meu melhor amigo.



Véspera de Natal... quem não gosta? Eu amo, é minha data favorita no ano. Árvore de Natal, família reunida, conversa, música e muita comida. Seria bem melhor se o idiota do Maxwell não estivesse fugindo de mim o dia inteiro.

Quando acordei, ele já não estava lá, desci e o encontrei de saída com papai. Foi ajudá-lo a pegar algo na cidade. Bobão. Voltaram já tarde, almoçaram por lá mesmo e depois ele se embrenhou em meio a conversas com meus irmãos, jogando com eles e trocando só palavras necessárias

comigo.

Como se eu não sentisse seu olhar em mim quando eu não estava olhando. E tudo bem, já brigamos antes, uma vez. Não durou dois minutos, mas... bom, não é bem uma briga, o mandei se foder e ele me beijou, foi só.

Agora estou aqui no quarto, de camisola. Tomei banho há pouco e vesti minha camisolinha para tirar um cochilo antes da ceia. Meus pais são tradicionais, então, a ceia acontece à meia-noite. Sendo assim, tenho um tempinho para dormir antes de precisar descer. Estou mesmo precisando, depois de uma noite insone.

De que quem é a culpa? E onde está Max?

Não sei. A última vez que o vi, ele tinha ido tomar banho no banheiro dos meninos, como eu disse, um idiota.

Ele sabe que vamos ter que conversar uma hora ou outra, não sabe? Deixo o vestido vermelho, de alças curtas, estilo tubinho sobre a cadeira, irei vesti-lo mais tarde e vou para cama. Só um cochilo e vou estar nova em folha.

Uma batida me faz parar antes de me deitar e fico em expectativa. Uma fresta se abre na porta e Max aparece, me olhando com cara de gato arrependido. Tenho vontade de socar essa cara bonita, de mandá-lo à merda, mas permaneço calada, imóvel, esperando que diga algo.

— Podemos conversar?

— Quer conversar agora?

— Achei que seria o melhor horário. Todos estão ocupados, se arrumando ou bebendo lá embaixo, achei que seria...

— Uma boa hora, você já disse. Teria sido uma boa hora ontem também, quando chegou seja lá de onde estava.

— Estava acordada? — fala e termina de entrar no quarto, trancando a porta atrás de si. — Me viu chegar?

— *Porra*, Maxwell, acha que conseguiria dormir depois daquilo? O que deu em você?

— Me...

— Não me peça desculpas, ou juro, eu juro que jogo esse abajur na sua cabaça.

— *Tá*, não irei pedir então, posso? — pergunta, apontando para a cama. Perco a paciência.

— Senta logo de uma vez e deixa de ser imbecil. Me beijou e daí? Eu estava nua e você perdeu a cabeça, tudo bem. Para de agir como um idiota, como se fôssemos estranhos. Não somos, caramba. Somos nós, Max. Você se arrependeu? Tudo bem, acontece, passou. Esquece isso e volta a ser o Max normal, eu preciso do meu melhor amigo no dia de Natal.

— E se eu não quiser mais ser?

— Como é? Vai levar isso adiante?

— Lucy — ele se aproxima ainda mais, segurando minhas mãos, lindo de morrer, fazendo meu coração saltar do peito —, e se eu não quiser mais ser só o seu melhor amigo?

— O que quer dizer? — Do que ele está falando?

— E se eu estiver apaixonado por você? Há algum tempo, e não me dei conta disso, até essa semana? E se eu não puder mais ser o seu melhor amigo porque... quero você?

Levanto-me, o ar começa a faltar em meus pulmões, o quarto ficando quente, muito quente.

— Do que está falando, Maxwell? Como assim, se apaixonou?

— Eu não lido bem com sentimentos, você sabe.

Sim, eu sei. Por isso nunca teve ninguém, nunca amou ninguém, mas a mim... por que eu e por que agora?

— Por isso estava estranho daquela forma?

— Você é sempre a minha razão quando estou confuso, é... e como poderia me acalmar, se o motivo da minha confusão é exatamente você? Meu Deus, eu não sei o que estou falando. Eu só... me apaixonei... por você, é isso.

— Isso não é desculpa, Maxwell. Somos adultos e quando temos problemas, falamos um com o outro e você gritou comigo. Você gritou comigo. E não foi só isso, não, a lista está imensa, você tratou de deixá-la assim. Gritou comigo, me tratou mal desde que saímos de casa, me beijou e sumiu, ainda por cima passou o dia me evitando. Você foi muito, muito idiota.

— Sim, fui idiota, eu sei e muitas outras coisas. Fui um ogro até, eu não sabia como começar isso, a falar.

— Isso não é desculpa. — O ignoro, ignoro enquanto ele está aqui, me dizendo que está apaixonado por mim.

— Me desculpa, Lucy, por favor, por desculpe. Eu não sei ficar sem você, eu não sei agir... eu não sei. Me perdoa por gritar, me perdoa por ser um idiota. Eu só... senti medo de que ao falar, eu pudesse te perder de vez.

Estou chateada, estou sim, mas isso começa a ficar em segundo plano quando a ficha começa a realmente cair.

— Isso... isso... isso, é loucura.

— Sim, é. Mas aconteceu e eu não consigo fugir disso.

Eu não sei o que sinto, ou melhor, sei. Meu coração está para sair pela boca e não é de uma forma ruim, não é, é de felicidade. E meus pés ganham vida quando me aproximo do idiota do meu melhor amigo, segurando seu rosto contorcido de pura confusão e fazendo-o me olhar.

— Max, você nunca vai me perder. Sou seu ponto de partida, esqueceu? — Ele sorri, lindo e beija a palma da minha mão, inspirando fundo. — Mas vou te odiar por algum tempo ainda, por agir assim. Não faça isso novamente e nunca mais, nunca mais grite comigo e da próxima vez que sair e voltar de madrugada, vai ficar do lado de fora.

— Eu prometo, mas você me ouviu dizendo que estou apaixonado por você?

— Seu tonto.

Sou eu a colar nossos lábios, sou eu a beijá-lo primeiro agora, querendo absorver tudo o que sinto com isso. É calmo, em um primeiro momento e, no minuto seguinte, estou sendo levantada, impelida a enganchar minhas pernas ao redor do seu quadril, enquanto me leva até a parede mais próxima e me espreme contra a madeira.

— O que estamos fazendo, Lucy? O que você está fazendo comigo?

— Saia do chão, Max. Se permita sentir algo mais que apenas desejo. Disse que está apaixonado, então se permita.

— *Porra*, Luciana.

Ele me beija e sabe aquela expressão: borboletas no estômago? É o que pareço sentir, um milhão delas voando em meu estômago, enquanto meu coração galopa como um louco em meu peito.

Comigo em seu colo, Max me leva até a cama e me deposita sobre ela, beijando meus lábios com adoração. É mágico, meu útero treme, minha

libido aumenta e minha calcinha encharca e eu só o quero, quero tornar aquele sonho realidade. Mas incrivelmente, Max se afasta de mim, se levantando, enquanto eu estou perdida, o olhando, ainda deitada na cama.

— Não.

— Não? Mas eu achei que...

— Quero você na minha vida, Luciana. Sempre quis e vou continuar querendo, agora com paixão, mas não assim, não agora. Não vou me enfiar dentro de você na primeira oportunidade e te fazer minha, não é isso o que quero.

— E o que diabos você quer?

— Quero você, mas do jeito certo, do jeito que você sempre disse querer. Sabe o tal encantado, eu quero ser esse cara *pra* você. Quero namorar com você, respeitando o seu momento. Quero fazer com que me ame, como homem, como seu homem e quero que o que sinto por você cresça ainda mais, até o momento que não caiba mais dentro de mim.

— Espera, está dizendo que quer esperar... que quer namorar e ...

— Quero, quero tudo e com você. Quero que realize seu sonho. Eu sempre te disse que um dia seria amada e que essa pessoa saberia respeitar os seus limites, fazer dos seus sonhos o dele. Me deixa ser essa pessoa, Lucy. Namora comigo?

Eu fico estática, paralisada, emocionada e perdida. Estou ouvindo da boca de Max o que sempre quis ouvir de um milhão de caras, de idiotas que só queriam... me comer, levar minha virgindade como um prêmio. Ele quer esperar, me esperar.

Aproximo-me dele novamente.

— Eu, namorar o galinha do meu melhor amigo?

— Ele não vai ser mais um galinha.

— Não?

— Não, ele será de uma única mulher, se ela aceitar.

— Sério? Ele faria isso?

— Com toda certeza.

Olho-o e me perco nesse olhar, sempre foi sua parte favorita para mim. Max consegue passar qualquer sentimento apenas com o olhar e eu amo isso nele. Seguro seu rosto entre as mãos, me aproximando, tocando minha testa na sua.

— Max.

— Oi.

— Acho que também me apaixonei por você e eu aceito te namorar, claro, só porque você está insistindo muito. — Ele sorri, para em seguida me beijar, lentamente, apaixonadamente e me sinto flutuar. — Não iremos transar, não é? — brinco, ao me afastar.

— Nossa, nem tivemos o primeiro encontro ainda, se segura, E sexo comigo, amor, só depois do casamento.

Gargalho, completamente extasiada me jogando em seus braços e o abraçando, forte, buscando sua boca novamente.

— Você é um idiota, sabia?

— Você faz sempre questão de me lembrar disso, mas agora, o idiota tem um presente pra você.

— Hum... mas já, agora? — pergunto, vendo-o dar de ombros e se afastar, indo até sua mala, pegando algo dentro dela.

É a caixinha vermelha, quadrada, a mesma que vi ontem.

— Por isso surtei quando te vi mexendo na bolsa, ia estragar a surpresa.

— Que surpresa? — falo, pegando a caixinha que ele me oferece e a abrindo.

Dentro tem uma correntinha com um coração de pingente, desses que podem ser abertos. Abro-o e meus olhos brilham. De um lado tem uma foto nossa, do outro está gravado: *Namora comigo?*

Busco Max com o olhar, tentando imaginar o que ele tinha planejado, vendo-o dar de ombros.

— Não era para ser como foi, eu tinha ensaiado algo mais romântico, meti os pés pelas mãos. Preciso aprender a ser romântico.

A essa altura meu coração parece querer sair do peito a galope.

— É perfeita...

Busco seus lábios, tentando passar em um beijo o quanto estou apaixonada pelo presente, por ele. Será mesmo, será que eu achei no meu melhor amigo o meu príncipe encantado?

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Epílogo

O que uma boceta não faz?

Bom, a minha rendeu seis meses de namoro, quatro meses de noivado e um casamento esplêndido, desses que toda mulher se orgulharia em ter e quando eu estava lá, com meu vestido de noiva, eu realmente me senti uma princesa e quando olhei para Maxwell no altar, bem ali estava o meu príncipe encantado.

E a data que escolhemos para isso? Bom, a data que se tornou ainda mais especial para nós, a véspera de Natal.

Sorriso, enquanto me olho no espelho do banheiro do hotel onde nos hospedamos. É, estamos em lua de mel, em um lindo quarto de hotel com vista para o mar.

Max não estava brincando, era verdade, ele esperou. Ele foi perfeito. Tive a sorte de ter o meu melhor amigo e o meu marido na mesma pessoa e cá entre nós, casados.

Respiro fundo, adorando a sensação da seda branca em minha pele e tomando coragem para sair do banheiro. Solto o ar e destranco a porta, saindo para o quarto e o procurando. A cama está vazia, o quarto à meia-luz e então o vejo, em pé próximo à grande janela de vidro, olhos em mim, vestindo apenas a calça do pijama.

— Bom, estou aqui. — E estou nervosa. Muito nervosa.

— Você está linda.

— Já disse isso hoje, mais cedo.

— Eu sei e vou dizer todos os dias daqui em diante. — Ele se

aproxima, devagar, olhos nos meus, suas mãos segurando minha cintura, seu rosto próximo ao meu. — Porque você é perfeita e agora é minha.

— Sou, sou sua — repito o que diz, rendida, mole em seus braços quando sua boca alcança a minha orelha.

Estou nervosa, praticamente em pânico. Porque ontem, ao comparar mentalmente minha vida sexual nula e a de Max totalmente ativa antes de mim, me dei conta de que a química que temos até aqui, pode não se estender até a cama. E se no fim, eu me descobrir uma mulher fria?

Afasto-o, e ele me olha sem entender.

— Max, e se... você não gostar? — Suas sobrancelhas sobem.

— Não gostar de você?

— De nós, transando, e se eu não suprir suas expectativas... Se não for bom? — Ele ri, está estampado em sua cara que ele me acha louca, para dizer o mínimo.

Suas mãos sobem até o meu rosto.

— Lucy, aqui não existe só um gostar, não se trata de mim, se trata de nós. Não tem que ser bom *pra* mim apenas, nada disso, o que importa realmente hoje é você. Não é sobre mim, o que vou ou não gostar, é sobre descobrirmos juntos do que você gosta. É de fazer esta noite mágica para minha esposa. Prometi fazê-la feliz e começarei hoje. Não pense nisso, não pense em nada, só sinta. Me sinta, Luciana. Sinta o quanto te amo. — Ele me beija e sou repelida a engolir o bolo que se forma em minha garganta ao ouvir tanto carinho em sua voz, enquanto sua língua busca a minha em uma carícia libidinosa.

Gemo, limpando minha mente de qualquer dúvida que já senti esta noite. Eu sou dele e ele é meu.

Max deixa o beijo mais lento, até dar apenas beijinhos em meus lábios, se afastando e indo em direção ao aparador ao lado da cama, onde tem um balde de gelo, com o que acho ser champanhe.

— Aqui, temos também morango. Sei que gosta do sabor dos dois juntos.

— Obrigada. Mas achei que...

— Temos a noite toda e a quero relaxada. — Aceno, pegando a taça de champanhe de sua mão e um morango.

Seus olhos em nenhum momento deixam os meus e eles me dizem que cumprirá sua promessa. Que fará esta noite perfeita para mim. Uma melodia gostosa ecoa pelo quarto e sorrio. É Turn To Stone, ouvimos juntos essa música no nosso primeiro Natal. Ele lembrou.

— Dança comigo?

— Seu bobo. — Meus olhos lacrimejam, é impossível não o fazer, é perfeito demais.

Max toma minha mão na sua e eu fecho meus olhos, encostando a cabeça em seu peito, deixando que me leve pelo quarto. Eu amo essa música.

Vivi momentos bons ao som dessa melodia, alguns tristes, outros muito felizes, ou simplesmente ouvir apenas por amá-la, por suas notas sempre tocar em algo aqui dentro, em minha alma e me deixa levar por passos curtos e pelo cheiro delicioso de Max.

Sinto um beijo no topo da minha cabeça e levanto meu rosto, recebendo o próximo em minha boca, um beijo calmo a princípio, que ganha nuances apaixonadas, cheias de desejo.

Meu útero vibra me dizendo que estou pronta, que quero isso mais que qualquer coisa neste momento. Suas mãos descem por minha cintura,

apalpando meu corpo, cada centímetro dele, enquanto sobe devagar minha camisola. Sinto cada músculo de seu corpo, em principal um bem rijo que toca minha virilha por cima de nossas roupas, me deixando cheia de tesão. Me entrego, como nunca fiz com nenhum outro.

Max tira minha camisola, a jogando sobre uma cadeira no canto do quarto, seus olhos presos em mim, em cada detalhe do meu corpo. Agora, estou só de calcinha, meus seios expostos para ele e até meus pelinhos se arrepiam com seu olhar.

— Você é linda, perfeita.

Sorrio, sem saber o que dizer, ocupada demais tentando não ficar nervosa. Sua boca está na minha outra vez, enquanto a poucos passos vai me levando para trás, até sentir a beirada da cama em minhas pernas. Caímos juntos na cama, mas não tenho tempo para mais nada, apenas para senti-lo.

Sua boca desce para a minha orelha, indo para o meu pescoço e me causando sensações deliciosas. Aperto minhas pernas uma na outra, em busca de atrito, de alívio e sinto o sorriso pervertido de Maxwell em minha pele. Não demora muito, seu joelho vem em meio a ela, separando minhas pernas. Ele quer me enlouquecer.

— Max...

— Só sinta, Lucy...

E eu me permito sentir, em principal quando ele suga o bico do meu seio. Pareço estar suspensa, em puro prazer, e minhas mãos grudam na colcha de cama, sentindo um arrepio perverso subir por minha espinha.

— Maxwell... — sussurro, incapaz de pensar com coerência, incapaz de fazer qualquer coisa senão arquear minhas costas, enquanto sua boca suga meu seio e sua mão alcança meu sexo, seus dedos explorando cada dobra

minha.

— Molhada, está molhada *pra* mim, Luciana.

— Estou... estou... — Estou arfante também, e não entendo esse sorrisinho convencido que ele tem em seus lábios.

Sua mão solta meu sexo, vindo para meu seio, enquanto sua boca deixa um rastro de fogo por minha barriga até chegar... lá.

— Meu Deus — praticamente grito, quando sua boca me abocanha por cima da calcinha de renda branca.

Tento fechar minhas pernas, por instinto, aliciar o que sinto, mas suas mãos me impedem.

— Não atrapalhe o meu banquete, Lucy.

— Seu pervertido.

Ele sorri, enquanto arrasta a fina peça por minhas pernas, me deixando completamente nua. Engulo em seco quando ele olha para minha vagina, estou um tanto sem ação sobre esse olhar, é pura luxúria.

— Eu não sabia como iria gostar... — Dou de ombros, sem graça.

Eu me depilei, as laterais, os lábios grossos estão com uma fina camada de pelos bem aparados. Como me lembro de ele dizer gostar certa vez e, pelo o seu olhar, acertei. Max olha meu sexo como se fosse a melhor sobremesa do mundo.

— Está perfeito *pra* mim.

Sorrio, gritando quando sinto sua língua me invadir. Nunca senti nada parecido, nunca senti... Deus do céu. Sua língua desce e sobe por todas as minhas dobras, me molhando ao extremo e me deixando maluca. Minhas pernas são ainda mais abertas e Max não se inibe, sou devorada. Fecho meus

olhos, querendo apenas sentir.

Sua língua sobe e desce, como se estivesse desenhando um oito e minhas mãos não conseguem mais ficar no lençol, elas se agarram aos seus cabelos, os puxando, os mantendo exatamente onde ele está.

— Max...

Ele geme em resposta, sugando meu clitóris enquanto aqui embaixo se forma a sensação mais deliciosa que uma mulher pode sentir. Sua língua é hábil e apressada, subindo e descendo, lambendo e tirando minha sanidade quando o mundo parece se partir.

Entrego-me, por completo, gritando seu nome, me deixando cair em um abismo de sensações.

Meu corpo treme, levado por espasmos de prazer, enquanto ainda sinto sua língua em minha entrada, agora, sugando toda minha excitação.

Ondulo, ainda trêmula, quando ele volta a subir na cama, vindo para mim. Sua boca melada e a visão é incrivelmente sexy.

— Quer sentir seu sabor, Luciana?

Rio, amolecida, mole até para falar e apenas assinto. Ele me beija, e tudo se perde. O beijo é lento, apaixonado, mesmo que eu sinta seus músculos rígidos. Ele está se segurando, está no limite.

“A noite não é sobre mim, Lucy, é sobre você.”

Lembro-me do que disse e é impossível não me sentir amada. Vejo-o se levantar e me apoio em meus cotovelos, o dorso no alto, pronta para vê-lo nu por completo. Max me olha, agora sério ao enfiar os polegares no cóis da calça moletom, a descendo sem deixar de meu olhar.

Não há mais nenhuma peça, apenas o seu membro, rijo, grande e grosso, rosado, apontado para mim. Pai amado... Nunca achei que diria isso,

mas seu pau é... lindo. Ele é perfeito. sinto um certo pavor, de me machucar com tudo isso na primeira noite.

Mas se Deus fez, é porque cabe!

Ele parece ver a dúvida em meu olhar e volta para cama, se deitando sobre mim e tocando meu rosto.

— Eu não posso prometer que não vai sentir dor, Lucy. Sou grande, mas prometo tentar minimizar isso e será bom, logo após a dor, eu prometo.

Toco seu rosto, seu cuidado fazendo as borboletas voarem em meu estômago.

— Eu acredito.

Aquele frio na barriga, aquele gostoso de sentir está presente e Max volta a me beijar, fazendo o mesmo percurso de antes, indo da minha boca para meu pescoço e meus seios, voltando a me excitar. Começo a pedir por atrito e sinto-o descer por minha barriga mais uma vez e busco seus olhos, sem entender.

— Tem que estar pronta, excitada, molhada. Confie em mim.

E eu confio e me contorço quando sua língua volta a circular em minha entrada, descendo e subindo e me levando à beira do abismo. Sua língua entra e sai de mim, mas não se demora tanto quanto da outra vez, fazendo o caminho reverso de beijos por minha barriga.

Seus olhos estão nos meus e sinto seu membro tocar meu sexo, não entrando, mas pincelando todo a minha boceta. Fecho meus olhos, sem conseguir mantê-los abertos, sentindo o quanto é delicioso.

— Abra os olhos, Lucy.

Obedeço e então sinto-o começar a me invadir, devagar, cuidadoso, enquanto esquadrinha meu rosto. Estou escorregadia, e ele não precisa tentar

muito para começar a entrar e então, sinto-o parar, como em uma barreira e ele me olha.

— Me desculpe se sentir dor.

— No momento, sinto prazer — respondo, sendo realmente sincera.

Max volta a sair de mim, entrando novamente e me esforço para manter meus olhos abertos, presos aos seus. Ele força a entrada, uma pontada de algo que quase se assemelha à dor me toma, mas parece mais com ardência. Tudo para, ele está tenso e eu... estou tentando entender a sensação. A ardência, junto de estar sendo totalmente preenchida por ele.

Max me beija, lentamente, sem se mexer dentro de mim, como se estivesse esperando. Percebo o que ele espera, a sensação de ardência começar a passar. Não tenho muito tempo de pensar, Max abocanha um dos meus seios, enquanto belisca o outro com a mão, o prazer me arrebatava, me deixa perdida e impelida a me movimentar.

— Max... — É o bastante para, lentamente, Maxwell começar a entrar e sair de mim, lento, gostoso, perfeito.

Sorrio ao jogar minha cabeça para trás, fechar meus olhos e fazer o que ele disse, apenas sentir. Sinto seus dedos buscarem meu clitóris, o massageando, e a sensação é única. Não é a mesma de quando estava me chupando, sei que está construindo algo, mas é diferente.

Minhas mãos voam para suas costas, o arranhando, precisando me segurar a algo, para não cair e ele começa a ir mais rápido, seus dedos hábeis circulando meu clitóris e me deixando perdida, como se tivesse sido atropelada por um trem.

— Maxwell.

— Se entregue, Lucy, se deixe ir...

Eu deixo e caio em um abismo profundo do mais puro prazer, gritando seu nome na mesma medida que o ouço gritar o meu, indo mais fundo, mais rápido, mais gostoso.

Por segundos, tudo some, só resta nós dois, gemidos e suor. Sua boca na minha, enquanto ambos sentimos espasmos por nossos corpos. Sinto seu rosto e sua respiração em meu pescoço e abro meus olhos, olhando o teto.

— Então é assim que acaba? É sempre assim, tão bom? — Corto o silêncio, esbaforida, e faço-o me olhar. A testa suada, os cabelos grudados na pele. Sorrio.

— Não, é ainda melhor. Foi sua primeira vez, logo verá o quanto podemos explorar um do outro — fala, saindo de mim com cuidado e se deitando ao meu lado, me puxando pra ele.

Fico calada, pensando em cada detalhe do que fizemos, foi muito melhor que em meus sonhos.

— Eu te machuquei, doeu? — pergunta, preocupado, e levanto meu rosto, olhando-o.

— Não... não foi bem dor, foi mais uma pequena ardência. Mas passou rápido, senti mais prazer do que qualquer outra coisa.

— Ótimo, me sinto aliviado. — Sua expressão diz mesmo isso e toco seu rosto, beijando seu queixo.

— Foi perfeito *pra* mim, Max.

— Para mim também, eu te amo, Lucy.

— Eu também te amo, mais que chocolate, até.

Ele sorri, estalando um beijo em minha boca e suspiro, encostando minha cabeça em seu ombro, pensando no que falou há pouco.

— Max.

— Oi.

— Disse que nas próximas vezes será ainda melhor. Podemos fazer de novo?

Uma gargalhada gostosa é a sua resposta e fico parada, o observando, enquanto tenta se controlar.

— Que esposa pervertida a minha.

— Ué, foram vinte e oito anos de celibato. Quero recuperar o tempo perdido. E então, podemos? — pergunto, curiosa e cheia de fogo.

— Podemos, isso, se não estiver dolorida, então tem que ser sincera comigo. Podemos repetir quantas vezes quiser, sempre que quiser.

Sorrio. Esse é o começo da nossa vida a dois, uma vida feliz, uma vida de amor.

E como eu sempre digo... Ah, o amor.

Fim?

Não, este não é o fim. Nossos personagens sempre estarão vivos, em seu coração.

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Agradecimentos:

Agradeço primeiro a Deus, Ele sempre me permite estar aqui, mostrando a vocês histórias maravilhosas. Em segundo, minha família, meu grande suporte.

Em seguida, obrigada Jack A F, por me instigar a escrever este conto, você é demais, garota, meu neném, e obrigada, Crys Carvalho, por entrar nessa loucura conosco e por betar o meu bebê. À Tali, obrigada por todo o suporte, e, Lucy Foster, obrigada por inspirar com seu nome lindo e betar este bebê.

E a você, leitor, o meu muito, muito obrigada por chegar até aqui e espero muito que tenham gostado. Vocês tornam esse caminho mais fácil, mantém vivo a chama da paixão pela escrita em nossos corações.

Beijo grande e nos vemos em breve.

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Mais livros da Antologia



Um amor do passado - Crys Carvalho

SINOPSE

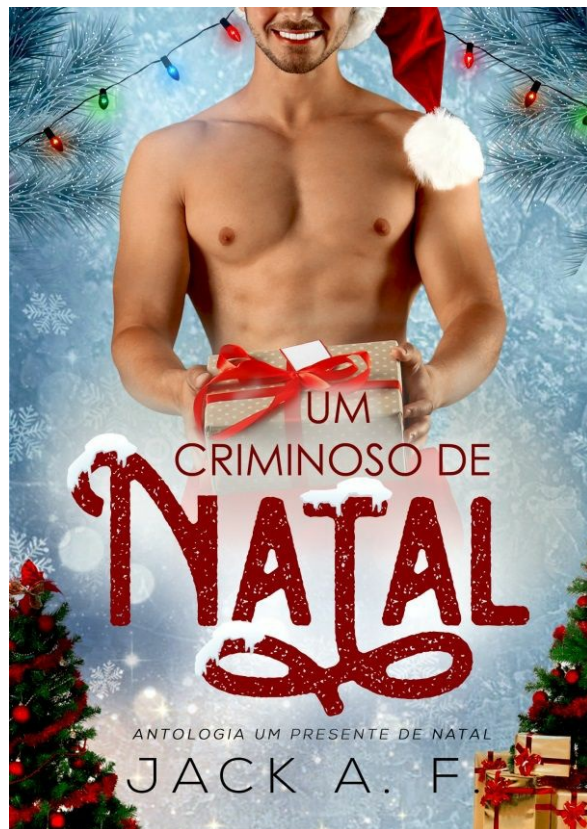
Ariel abriu mão do amor de sua vida, após cometer um erro. Quando já havia se acostumado com as escolhas que fez, um reencontro inesperado dá a ele a chance de recuperar o que perdeu.

Ele não imaginava que seu coração ainda pertencia àquela mulher.

Ela não queria se machucar outra vez.

Isis passou anos comparando os homens que passaram por sua vida ao único que não poderia ter realmente. Agora, na véspera de Natal, sua melhor amiga a desafia a encarar o seu passado e assumir de uma vez por todas que nunca o esqueceu.

Ela garante que sairá ilesa, mas o destino tem o seu próprio modo de agir e com a magia do Natal no ar, talvez as coisas possam tomar um caminho diferente do que imaginou.



Um Criminoso de Natal - Jack A. F.

SINOPSE

Quem disse que momentos inesquecíveis não podem surgir de situações

completamente inusitadas? Marcelo e Nayra estão aqui para provar que é possível.

Na noite da véspera da véspera de natal eles se conheceram, de uma maneira única.

Venha se divertir com esse conto para lá de delicioso.

Preparadas(os) para seu presente de Natal?

ANTOLOGIA UM PRESENTE DE NATAL



Outras obras

Conheça também o primeiro livro da Série Amores Reconstruídos:



Uma Escolha Perfeita ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocaria o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.

O segundo livro da Série Amores Reconstruídos



UMA CHANCE PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinose

Alice foi uma jovem doce, desinibida e de bem com a vida, que gradativamente se viu cair de amores pelo primo boa pinta. Ela o via como um herói, de forma romântica, apaixonada. Já ele a via apenas como a caçula da família Ribeiro, a prima maluquinha que ele vivia tirando de encrencas!

Um desentendimento!

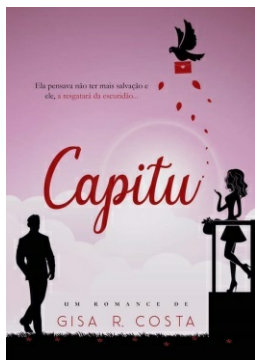
Bastou isso para criar uma rachadura extensa no relacionamento e na amizade de ambos. Dois caminhos separados por desentendimentos e culpas. Anos depois, Alice está de volta, só que mais mulher, dona de si, trazendo também marcas profundas na alma e no corpo.

Pedro faz o tipo sensato, protetor, centrado em sua carreira e apaixonado pelo campo, aquele cara famoso por não deixar suas emoções tomarem conta de si. Ou assim ele imaginava, pois ao vê-la todo esse controle se vai. E Pedro queria que não tivesse tantos sentimentos guardados por aquela mulher, indo do amor ao ódio, mas, ainda assim, querendo fazê-la sua. Há apenas um impedimento: a própria Alice.

Uma mentira foi contada, um falso noivado é montado e pode desencadear sentimentos há muito guardados, trazendo segredos que podem vir à tona e soterrar qualquer resquício de amor!

"Ela não está disposta a ceder, ele não está disposto a desistir..."

Outras obras do autor:



CAPITU ([Adquira aqui](#))

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...



LUZ DA MINHA VIDA - UM MILAGRE DE NATAL. ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 1

Sinopse:

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!



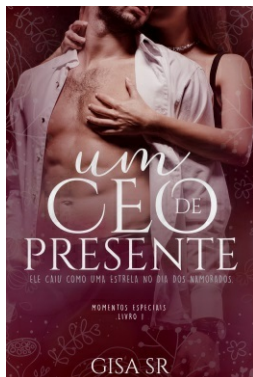
CONSEQUÊNCIAS DE UMA NOITE ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 2

Sinopse:

Uma noite de prazer, uma mulher mascarada e um homem apaixonado.

Nicolas, o caçula da família Dangelo, não está procurando um relacionamento, mas uma noite inesquecível de prazer acaba mudando isso. Uma mulher misteriosa desperta-lhe sentimentos incontrolláveis e, como mágica, desaparece. Por meses, ele a procura, querendo ter mais um pouco daquilo que experimentaram juntos. O que ele não espera é que o amor esteja tão perto dele e que aquela noite trará consequências irreversíveis, das quais ele não pode fugir.



UM CEO DE PRESENTE ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

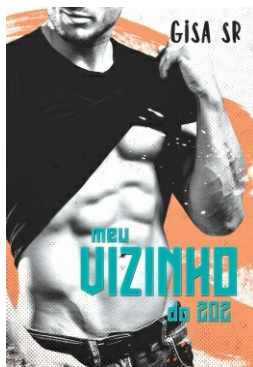
Tendo seu coração destrocado às vésperas do dia dos namorados, Emilly, uma bibliotecária e estudante de enfermagem de 21 anos, luta para juntar seus

caquinhos. Ela só não esperava encontrar ajuda para isso tão rápido.

Uma ajuda deliciosa, diga-se de passagem!

Enrico Borges surge em seu caminho quase de forma planejada, rouba a cena e, talvez, seu coração com uma promessa nada velada: esquecer o passado. O CEO acredita ser capaz de fazê-la se desprender e trazê-la para um jogo de sedução sem amarras, porém nenhum deles imagina que uma paixão avassaladora pode surgir.

Venha conhecer o lobo mau e seu cordeirinho.



MEU VIZINHO DO 202 ([Adquira aqui](#))

Sinopse

Uma noite, um engano e um delicioso desastre...

A vida de Mônica Maria era perfeita ou, pelo menos, era isso o que pensava. Romântica de carteirinha, ela sonhava com o casamento dos sonhos, a casa perfeita e, claro, o marido dos contos de fadas.

Essas eram suas metas, até que o destino lhe prega uma peça e ela é obrigada a crescer e encarar sua realidade nem um pouco cor-de-rosa. Desde então, Mônica decide deixar as emoções de lado e focar em preocupações maiores.

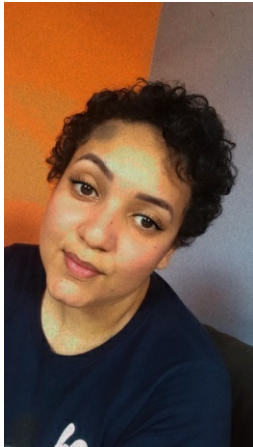
Mas o destino apronta outra vez e ela encontra Benjamin, seu vizinho pervertido, que parece tentá-la vinte e quatro horas por dia, atraindo-a para o pecado e despertando sensações há muito adormecidas.

A bela morena só queria amizade, no máximo um passatempo divertido, uma ajuda mútua, mas uma noite muda tudo e agora os dois vão aprender que com fogo não se brinca!

Comédia romântica para maiores de dezoitos anos!



Sobre a autora



Biografia

Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...



Siga-a nas redes sociais:

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Instagram: Autora Gisa SR

<https://instagram.com/autoragisar.costa>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>

Grupo de WhatsApp:

<https://chat.whatsapp.com/LULoXjc4S4iD9VKXcOdXpk>